

Derrubada termina no final da tarde

153 JOSÉ CARLOS PEIXOTO

Eram 16h30 quando o último barraco da invasão da Nova Estrutural foi demolido. Chorando bastante, Raimunda Pires Vieira, 46 anos, retirante da seca que arrasou o sertão da Bahia em 1974, viu em poucos minutos o seu investimento de R\$ 300,00 adquirido há uma semana, virar um amontoado de destroços. Entre os escombros, um ursinho de plástico resistia bravamente a investida do trator. O brinquedo pertencia a sua filha Tatiana, de seis anos, que contou com a compreensão do tratorista para resgatá-lo da demolição.

A breve história de Raimunda e seu barraco é igual a de dezenas de outras pessoas que ocuparam a Estrutural. Todos iludidos com a possibilidade de conseguir um lugar para morar por R\$ 300,00. "Eu morava no Guará I e o meu marido trabalhava como porteiro, quando ele ficou desempregado não podemos mais continuar lá. Daí, resolvemos comprar o barraco com uma parte da indenização", relembra.

Especulação - Moradores denunciavam que a parte nova da invasão da Estrutural é um negócio organizado para enganar as pessoas. Segunda Raimunda, quando o "vendedor" lhe ofereceu o barraco, ele lhe prometeu entregar os papéis em 15 dias, "não eu sabia que aqui não podia morar". Outra vítima dos especuladores foi Roseni Dourado dos Santos, 28 anos: "Cheguei há três meses, pensei que estava tudo certo".

A especulação no local pode ser constatada pelos tocos de madeira que demarcavam cada barraco demolido, cerca de dois metros quadrados cada, ordenados quase lado a lado, como se o terreno tivesse sido dividido e preparado para a venda. Segundo o capitão Fernando Queiróz, da Coordenação de Planejamento da Secretaria de Segurança Pública, "80% dos barracos derrubados estavam vazios".

Luta - Mas há quem discorde de que o local estava ocupado por especuladores. "Isso é mentira, o que existe aqui é a luta pela moradia digna", sustenta Reginaldo Araújo de Carvalho, que se apresentou como mobilizador social da Associação dos Invasores da Estrutural. "Vamos dar apenas uma pausa, pois retornaremos ao local. A luta começa agora", desafiou.

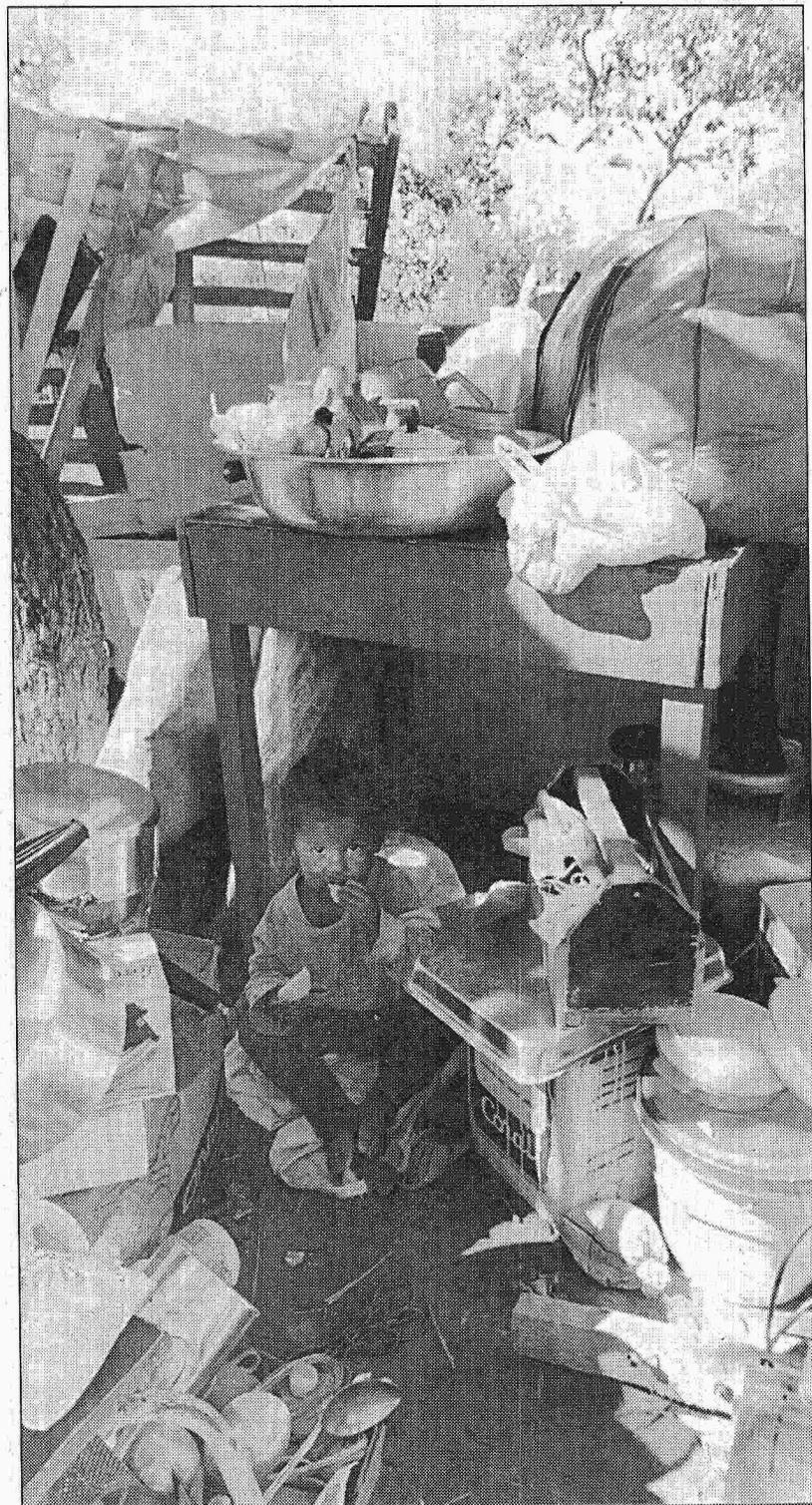
Às 17h00, a Polícia Militar começou a sair do local. Enfileirados, os soldados recebiam o "almoço" antes de entrarem nos ônibus para irem embora: a maioria estava na Estrutural desde as 8h00. Enquanto comia um prato de feijão com arroz e bife, o cabo Avelar Resende se queixava do exaustivo dia. "Foram mais de 10 horas sem comer nada". Isolados por uma corda, alguns ocupantes da invasão que ainda estavam no local provocavam os soldados, chamando-os de "sanguinários".

Aos poucos, os ânimos foram se acalmando. Às 17h30, apenas 12 invasores ainda permaneciam à beira da pista, sem fazer mais nenhuma ameaça. Nesse momento, um pelotão de 15 homens da Tropa de Choque da Polícia Militar tomava posição para pernoitar na Estrutural. O dia terminou com o silêncio dos dois lados.



As máquinas do GDF trabalharam até o final da tarde para remover os 350 barracos da Nova Estrutural

Sebastião Pedro



Criança encontra abrigo entre utensílios domésticos e destroços

Flashes

Aleixo Valdino Pereira, 65 anos, analfabeto, não mora na Estrutural, mas sofreu muito para se livrar de dois cães da Polícia Militar. Ele teve ferimentos no braço direito e na perna esquerda. Foi atendido na ambulância

Lindaura saiu tonta e sangrando depois de ter sido atingida pelo que ela chamou de "coisa que parece pimenta nos olhos". Os policiais garantem que Lindaura recebeu uma pedrada durante a confusão. Ela foi levada para o Hran numa ambulância do Corpo de Bombeiros